

novos talentos



No caminho da Vitória

JOÃO MAGALHÃES, EM LONDRES

Portugal, Reino Unido e Brasil unidos na mente de Ana Fonseca. Uma artista a viver em Londres com um ambicioso projecto de reinterpretação de umas das obras maiores das artes decorativas portuguesas

Bibliotecária na Londres suburbana ou jovem artista emergente no coração de Lisboa? Portuguesa ou brasileira? Alentejana, ribatejana ou lisboeta? Ana Fonseca não sabe bem as respostas a estas perguntas, mas neste jogo de identidades vai moldando a sua arte na procura de uma só. É a partir das memórias familiares que as suas preocupações têm surgido. Contudo, afirma, “o trabalho não se restringe a ser meramente autobiográfico”. Nascida em 1978, o seu percurso passa pelo Brasil, onde nasceu, por Lisboa onde viveu, e, finalmente, por Londres, onde estudou e actualmente vive. Nesta cidade, onde o multiculturalismo e identidade são conceitos em constante discussão, Ana Fonseca encontrou o seu território

de trabalho, actual e pertinente, sem deixar de ser profundamente seu. Explicou-nos que o seu trabalho “envolve uma resposta a espaços e objectos. Por isso, instalações em locais específicos são a minha forma de expressão preferida. Trabalhando não só com a minha história e bagagem cultural, uso também todo o espaço, pois cada um tem a sua própria história”. Tudo começa nos objectos. Depois no desenho, através do qual desenvolve as suas ideias, as suas procuras.

Projecto
Neste momento, um ambicioso projecto ocupa a sua mente. Tudo começou em 2004, numa venda

Nã fala, série Victory Project, 2006, cera preta para modelar, objecto encontrado, candelabro, 11 x 7 x 9 cm (medidas sem base). Citação do *Debrett's Guide* incluída (gravada no cartão canelado): “OTHER NON-EUROPEAN STYLES - One word of warning: always use the right hand, not the left. The left hand should never touch food or mouth directly”

de rua, em Tottenham Court Road. Aí encontrou o livro onde, até hoje, concentra as suas energias. Não se tratava de um guia espiritual ou de um livro de revelações, mas sim da obra de Ângela Delaforce e James Yorke “Portugal’s Silver Service: A Victory Gift to the Duke of Wellington”. Uma monografia dedicada à famosa baixela oferecida por Portugal e D. João VI ao Duque de Wellington, em 1816. Obra de arte maior da ourivesaria neoclássica, foi desenhada por Domingos António Sequeira. Conhecida por Baixela da Vitória, está hoje parcialmente em exposição na Apsley House, residência londrina dos Duques de Wellington.

O objecto artístico atraiu-a primeiro. O histórico logo de seguida. Nesta baixela, Ana Fonseca viu materializadas as relações entre Portugal, Brasil e Reino Unido, numa composição organizada e com uma narrativa própria. Até aí, ainda na ressaca do final de curso, andava um pouco sem rumo no seu trabalho, tendo esta peça constituído, essencialmente, a base por onde recomeçar a sua carreira. “Com a baixela descobri o que queria fazer”. E entrou então num processo de descoberta da história da peça, do período em questão, dos materiais utilizados e dos que gostaria de utilizar.

A sua obra mais marcante até à data tinha sido

mostrada na exposição de final de curso na Universidade de Middlesex: esculturas de barro molhado inseridas num ambiente decorativo em que recorreu a móveis, cartões, sedas adamasca-das, numa “amalgama de informação e memórias”. Nesta e noutras peças, recorre a objectos que pertenceram aos seus avós. Combinando-os com as suas próprias obras quer estabelecer um “diálogo entre gerações, dissolvendo, assim, uma noção progressiva de eventos”. Nada mais do que uma forma clássica de procura de identidade.

O Victory Project parte deste discurso de referências familiares e históricas, como uma evolução paralela de histórias – a universal e a pessoal. “Ando para trás e para a frente com estas linhas”, cruzando-as constantemente.

O que tem a ver uma tia sisuda com a alegoria à Ásia representada na baixela? Cabe a Ana Fonseca estabelecer as linhas de contacto entre estas histórias numa nova narrativa. O projecto só existe ainda como maquete. Ambicioso, pela sua escala e custo, parte de um centro de mesa – ao qual Ana Fonseca chamou *Sambódromo* – com uma estrutura de jardins franceses, composta por alas de diferentes figuras alegóricas e decorativas contando histórias fantásticas. Estas figuras são trabalhadas com cera preta a partir de *objets trou-*

Charles II, da série Victory Project, 2005, cera preta para modelar, objecto encontrado, cafeteira, 10 x 15 x 10 cm (medidas sem base). Citação do *Debrett’s Guide* incluída (bule de café): “INTRODUCTION OF LOVER INTO SOCIAL CIRCLE - *Thus the pragmatist in personal matters rarely introduces a lover into his or her circle of friends until he or she feels established as a couple. And even then the introductions should be carefully limited*”.



novos talentos

Ilustração *Forcado*. Cortesia Galeria Luís Serpa Projectos

veês, parte de serviços de casquinha do princípio do século XIX, bem como objectos de cozinha. O projecto final prevê passar todo o conjunto a prata. Unindo todo o conjunto, estará uma base de caixas de cartão, “instável e bem *take-away*, dando um sentido de temporalidade e deslocalização”.

Ana Fonseca gostaria de incluir ainda na instalação os desenhos originais de Domingos Sequeira, hoje em depósito no Museu Nacional de Arte Antiga, ao lado de seus, assim como fotografias de grande e média dimensão com a representação de objectos da baixela construídos por si em papel e fita Tesa.

O resultado será um grande e surpreendente cenário teatral, reinterpretando uma das obras-primas das artes decorativas nacionais, marca das históricas relações luso-britânicas. Um exercício de questionamento que, numa visão pessoal, propõe transfigurar através do seu imaginário, por vezes cómico, grotes-

co e irónico, “certas figuras históricas que são, de certa forma, polémicas ou obscuras na história destes países”.

Espiões

Em 2006, Ana Fonseca mostrou o seu trabalho pela primeira vez em Portugal, numa exposição colectiva na Galeria Luís Serpa Projectos, juntamente com João Biscainho, Carlos Correia, Romeu Gonçalves e Marta Moura. Aí apresentou *Pega Doméstica*, uma instalação em que criava um ambiente doméstico para pegar touros. Com parte da família originária do Ribatejo, a artista reconstrói o acto da pega de forcado, explicando ironicamente como se deveria realizar dentro de casa, criando para tal uma *Original Cartilha do Cabo*.

E é na mesma galeria que terá a sua primeira exposição individual no próximo mês de Setembro, com o título “Insurgency”.



Esfinge, da série Victory Project, 2006, cera preta para modelar, objecto encontrado, tampa de prato coberto, 14 x 13 x 14 cm (medidas sem base). Citação do *Debrett's Guide* incluída (gravada na tampa): "SNAILS - These are eaten directly from their shells, which are secured by the left hand with tongs while the right hand extracts the snail with a special implement"

D. Pedro IV, big cheese, série Victory Project, 2006, cera preta para modelar, objecto encontrado, ralador de inox, 26 x 17 x 12 cm (medida sem base). Citação do *Debrett's Guide* incluída (gravada no ralador): "FLIRTING - Flirting is fun. It is also an art if done well. Thus the flirt with savoir faire must remember always to keep his or her technique light and know when there has been one deep glance or fleeting touch too many and it is time to back off"

Em castelo, série Victory Project, 2006, cera preta para modelar, objecto encontrado, batedor de claras, 15 x 21,5 x 8cm. Citação do *Debrett's Guide* incluída (gravada no cartão canelado): "PLACE SETTING - A proper place setting should always look balanced and be equidistant from its neighbours and in line with the centrepiece. Old-fashioned butlers and the grander regiments still measure their tables for accurate spacing and a pleasing composition. If using table mats, they should be placed parallel to, and about an inch away from, the edge of the table"

D. Catarina, da série Victory Project, 2005, cera preta para modelar, objecto encontrado, cafeteira italiana, 17 x 14,5 cm x 10 cm (medidas sem base) 21 x 10,7 x 20 cm. Citação do *Debrett's Guide* incluída e gravada na cafeteira: "TEA AND COFFEE - When serving tea or coffee, the main beverage is always served first, with any accompaniment - milk, cream, lemon or sugar - being added afterwards. Remember, when drinking from a tea or coffee cup, to hold it between your fingers and thumb; do not allow fingers to curl around the handle. Never drink with the little finger in the air. Do not make slurping noises"

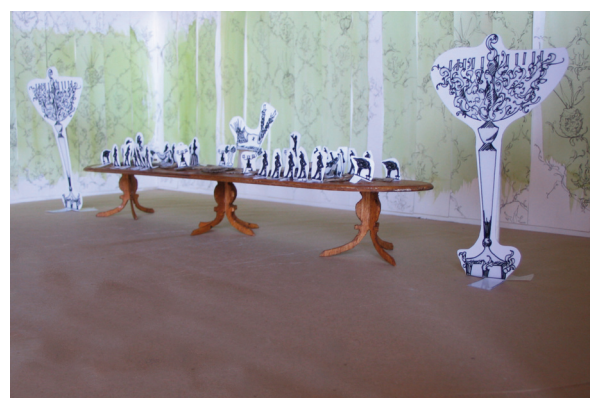
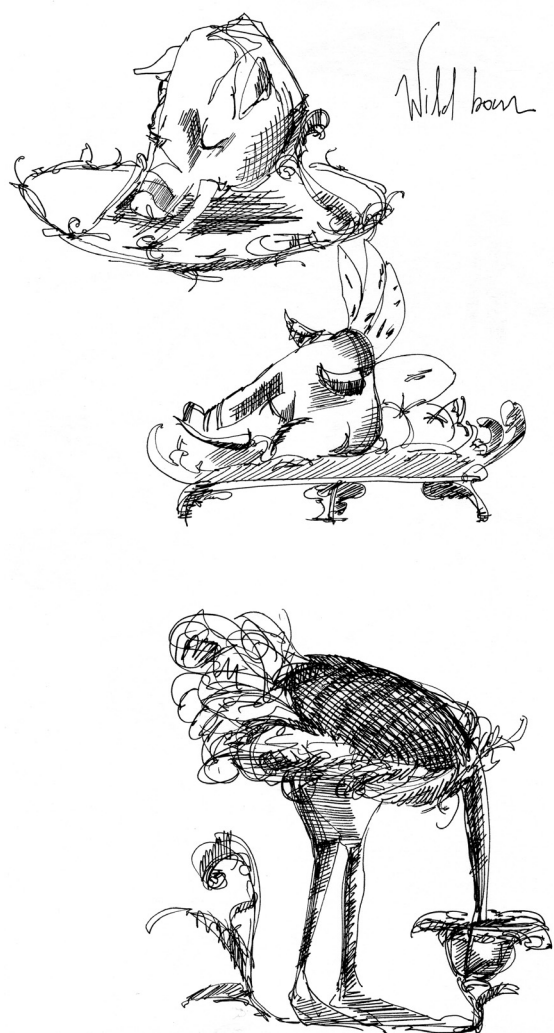
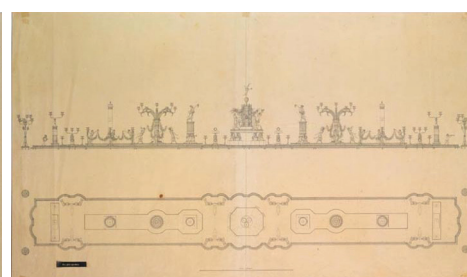
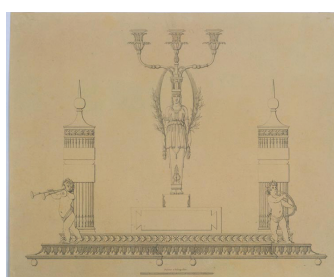


Ilustração. Cortesia Galeria Luís Serpa Projectos

Pega Doméstica, da série *Pega Doméstica*, 2006, instalação. Cortesia Galeria Luís Serpa Projectos

Maquete de *Baixela de Papel*, 2006



A Baixela

Em 1816, o Príncipe Regente D. João VI, ainda a viver no Brasil, ofereceu ao Duque de Wellington a Baixela da Vitória, para agradecer a ajuda britânica na expulsão dos exércitos napoleónicos do território nacional. Encomendada ao pintor régio Domingos António Sequeira, é uma obra de puro desenho neoclássico, composta por cerca de mil peças, entre candelabros, centro de mesa, terrinas, pratos cobertos, salvas e faqueiro... Nas palavras de Angela Delaforce, “*the Baixela da Victoria is a stage set for a festival of Antiquity – a ‘festejo’ in honour of the Duke of Wellington*”. Neste festival, o

centro de mesa, é a peça fulcral, com um programa iconográfico em que sobressaem as quatro figuras alegóricas dos quatro continentes onde Portugal detinha possessões, ladeando três fachos representando a união dos exércitos de Portugal, Reino Unido e Espanha, sob uma elegante figura da Vitória. Entre projectos, a aprovação do conselho de Regência e a do próprio duque e a manufatura, a obra demorou cinco anos a chegar ao destino final. Foi passada a prata por dezenas de artífices e custou a um país depauperado por anos de guerras a exorbitante soma de quase 200 mil libras.



Baixela de Papel, da série *Baixela de Papel*, 2006, instalação de parede, dimensões variadas. Cortesia Galeria Luís Serpa Projectos

Tendo como ponto de partida velhas revistas de propaganda britânica da II Guerra Mundial, que pertenciam a um familiar, criará novo ambiente, entre um centro de espionagem e uma casa de um colecionador daquela época. Lembrando que hoje se vive um período de paranóia em relação ao inimigo desconhecido, Ana Fonseca volta aos anos em que Lisboa era um centro de espionagem das potências em conflito.

O seu trabalho temporário como bibliotecária abre-lhe imaginários sem fim, mas impede-a de se concentrar na sua arte. Entre Londres e Lisboa, sem ainda saber que rumo dar à sua vida, vai criando uma obra singular, centrada nas relações: as complexas relações familiares, as relações históricas entre países, as relações dos objectos, observadores e escala, as relações entre passado e futuro, entre artista e material... No *Victory Project*, prepara-se para percorrer um caminho tão complexo como o da própria baixela, que, entre desenhos, opiniões do duque, falta de prata, subscrições públicas e exposição em Lisboa, levou cinco anos a chegar ao seu destino final.

Dificuldades

No ano do início das comemorações do bicentenário das guerras peninsulares, 2007, Ana Fonseca apresenta um ambicioso projecto. *Victory Project* – inspirado no centro de mesa da baixela

Vitória – propõe um conjunto de iniciativas paralelas às exposições, que incluem desde visitas guiadas para diferentes públicos, um colóquio, à produção de um catálogo.

Ana Fonseca pretende apresentar o projecto nos três países, especificamente no Palácio da Ajuda em Lisboa, na Apsley House em Londres e no Paço Imperial no Rio de Janeiro, promovendo assim a “discussão do papel e afirmação de Portugal no mundo, assinalando o bicentenário de um dos mais importantes acontecimentos na História da Europa ocidental e promovendo o diálogo intercultural entre Portugal, Inglaterra e o Brasil”.

Ainda numa fase embrionária, com coordenação de Luís Serpa e as colaborações críticas de Isabel Carlos e Jean Fisher já confirmadas, este é um projecto que requererá muita energia, apoios, trabalho e boa vontade por parte dos intervenientes e das instituições em causa. Contudo, os primeiros obstáculos começaram a surgir. Enquanto a conservadora da Apsley House se encontra perfeitamente receptiva à ideia, a directora da Ajuda, Isabel Silveira Godinho, afasta a hipótese de exposição no palácio mandado construir por D. João VI.

Informações:
Galeria Luís Serpa Projectos
www.galerialuissarpa.com